



## **Fotojornalismo Documental e Cidadania: A Exposição do Fato para a Construção da Identidade Comunitária**<sup>1</sup>

Caroline Kleinübing<sup>2</sup>

Maria Luiza Guerra<sup>3</sup>

Pedro Henrique de Andrade Antunes<sup>4</sup>

Priscila Costa<sup>5</sup>

Centro Universitário Franciscano

### **Resumo**

O presente artigo é resultado de um projeto de extensão em Comunicação Comunitária, desenvolvido por um grupo de acadêmicos do curso de Comunicação Social - Jornalismo da Unifra, durante o primeiro semestre de 2007, no Bairro Renascença, região oeste da cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul. O objetivo foi tornar a realidade cotidiana, vivenciada pela comunidade, visível à própria comunidade e à sociedade como um todo, como estratégia para solucionar problemas através de sua exposição. O projeto é ancorado em conceitos de comunicação comunitária e identidade, reforçada pelo fotojornalismo de caráter documental.

**Palavras-chave:** Fotojornalismo; Comunicação Comunitária; Identidade.

### **Introdução**

O fotojornalismo nasceu para mostrar as imagens da guerra, na década de 1950, do século XIX, justamente por sua eficácia na divulgação de acontecimentos factuais. Foi a partir da participação britânica na Guerra da Criméia (1854-55) e o interesse popular desperto, que o primeiro fotojornalista foi enviado para cobrir um acontecimento, para o jornal *The Illustrated London News*. Paralela à fotografia de guerra, surge a fotografia documental de compromisso social, que não mereceu o mesmo destaque pela imprensa da época.

O fotodocumentarismo encontra seus primeiros indícios na fotografia de viagens e de curiosidades etnográficas, na documentação da conquista do Oeste, nos EUA, em conjunto com a fotografia de intenção colonialista, que remete à exaltação de orgulhos nacionais e subjugação de povos.

A fotografia de cunho social e humanístico tem suas bases em fotógrafos como Thomson e Adolphe Smith, Atget, Hine, Peter Henry Emerson e Bellocq, que no início

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no III Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação.

<sup>2</sup> Acadêmica do 5º semestre de Comunicação Social /Jornalismo UNIFRA, bolsista de Extensão do Projeto Informação: Síntese dos principais fatos do dia. - ckleinubing@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Pesquisadora, acadêmica do 5º semestre de Comunicação Social/Jornalismo UNIFRA. – marialuizaguerra@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Pesquisador, acadêmico do 5º semestre de Comunicação Social /Jornalismo UNIFRA. – pedro\_h\_antunes@yahoo.com.br



do século XX fotografou a cultura das prostitutas de Nova Orleans. A partir desses autores é que pode ser situado o nascimento do fotodocumentarismo moderno.

Os fotógrafos citados tinham a intenção de dar ao receptor um testemunho, mostrar a quem não está presente, como é ou o que acontece, e como acontece. Explorar um “enquadramento contextualizador” é determinante para a produção de sentidos, o que, como afirma Sousa (2004, p.55), é notório nos fotógrafos do “compromisso social”. Uma nítida conseqüência de sua intenção denunciante e reformadora. As fotos devem co-significar, atingindo mesmo os que não queiram ou não saibam ver.

O documentarismo é uma das grandes motivações da fotografia do século XX, porque é presente “o desejo de conhecer o outro, de saber como o outro vive, o que pensa, como vê o mundo, com o que se importa. As palavras são insuficientes.” (SOUSA, 2004, p.55).

### **Fotografia, prova da verdade**

A fotografia, como meio de comunicação, possui um poder de síntese que só a imagem, impactante e reflexiva, oferece. Trabalhar a identidade de um grupo social, referindo suas alegrias e suas dores, utilizando a fotografia como mediadora do conhecimento e reconhecimento desse grupo por ele mesmo e dele pela sociedade é uma alternativa para diminuir as distâncias e aproximar o olhar.

Só através da visualização é que são colocados os problemas e a partir daí, pensadas as soluções. É nítida a crescente necessidade de sensibilizar as pessoas em favor de outras pessoas, menos evidentes, ou menos favorecidas. O “olhar fotografias” adquire, no contexto sócio-comunitário, a conotação de “pensar fotografias”. O observador das imagens é também um intérprete, quando colocado na posição de investigador da realidade.

Produzir e instigar a visualização de fotografias é uma maneira de trazer ao senso comum imagens que, embora cotidianas, não chegam a todos e, portanto, passam distantes da realidade de quem não às vivencia. Essa tendência humana é explicada por Andrade (2002, p.54), quando coloca:

Aprendemos a ver apenas o que praticamente precisamos ver. Atravessamos nossos dias com viseiras, observando apenas uma fração do que nos rodeia. Os homens modernos não são bons observadores, e o uso de uma máquina fotográfica pode auxiliar sua percepção.

---

<sup>5</sup> Pesquisadora, acadêmica do 5º semestre de Comunicação Social/Jornalismo UNIFRA. – priscilajornal13@yahoo.com.br

Buscar imagens que caracterizem fatos na multiplicidade de acontecimentos comuns, e verificar o extraordinário, não no que conota grandeza, mas no sentido jornalístico do termo “extra”, significa captar o sentimento e mexer com a razão. Andrade (2002) afirma que a fotografia é um “meio de expressão individual, mas também um instrumento de conhecimento das diversidades do mundo”. A fotodocumentalidade, como o próprio termo remete, é documento histórico e, portanto, prova da verdade.

O trabalho desenvolvido por Sebastião Salgado<sup>6</sup> é referência dentro desta perspectiva. Sua obra, construída inteiramente em preto e branco, demonstra respeito pelo objeto e determinação em mostrar o significado maior, intrínseco a um conjunto de imagens. A fotografia serve de testemunha da dignidade humana, e, ao mesmo tempo, protesta contra a violação dessa dignidade.

Sebastião Salgado fez uma importante ressalva, no que diz respeito à intervenção do fotógrafo, ao estabelecer uma relação ideológica entre o todo visto pelo olho nu e o retrato recortado pela lente da câmera. Sabe-se que fotografias são geradas a partir de enquadramentos, ângulos de visão, diferentes profundidades de campo, intensidade de luz, contraste e ampliações parciais, o que as caracteriza como uma possível versão do real, dentre tantas outras versões, igualmente possíveis. Salgado (1992) pensa que “a foto nasce de um conceito, de uma razão, é claro que existe uma razão, ou ideológica, ou social, ou política, que te leva a fotografar”.

A fotodocumentalidade se configura então, como a soma do registro fotográfico com o desejo de intervenção social. Através da técnica documental se torna possível consolidar a terceira tese verificada por Marcos Palácios sobre comunidade e comunicação comunitária que diz que os membros de uma comunidade não precisam estar espacialmente próximos, mas precisam ter uma identidade coletiva.

A fotografia humanizada reflete a realidade comunitária e insere o objeto-foco em um processo de co-ação social. Com esse agir em conjunto despertado, a comunidade passa a ser composta por cidadãos<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Sebastião Salgado é um dos mais importantes fotodocumentaristas da atualidade. Formado em Economia pela USP, passou a trabalhar com fotografia em 1973. Dentre suas publicações estão *Trabalhadores* (1996), *Outras Américas* (1999) e *Êxodos* (2000), premiados internacionalmente.

<sup>7</sup> O cidadão é compreendido, segundo Souza (1994) como indivíduo que tem consciência de seus direitos e deveres e participa ativamente de todas as questões da sociedade. Um cidadão com um sentimento ético forte e consciência da cidadania não deixa passar nada, não abre mão desse poder de participação. A idéia de cidadania é ser alguém que cobra, propõe e pressiona o tempo todo.

O método fotográfico desperta no objeto a motivação necessária para que a partir dele tenha início uma conscientização coletiva, da necessidade de se buscar recursos. O cidadão ao ganhar importância, como valor fotográfico, tem a possibilidade de se tornar uma liderança local e reunir esforços. Peruzzo (1998, p. 296) afirma que:

A participação e a comunicação representam uma necessidade no processo de constituição de uma cultura democrática, de ampliação dos direitos de cidadania e da conquista da hegemonia, na construção de uma sociedade que veja o ser humano como força motivadora, propulsora e receptora dos benefícios do desenvolvimento histórico.

A tarefa proposta pelo projeto de comunicação comunitária, intitulado “Renascença: surpreendente versão da realidade”<sup>8</sup> foi, através do fotojornalismo, descobrir e revelar o aporte necessário para a viabilização de ações que possam sanar uma ou algumas das carências vivenciadas pelas pessoas fotografadas e pelo lugar onde elas vivem. Além de inserir a própria comunidade no processo, contribuindo assim, para a construção de um olhar mais comprometido, mais cidadão. Uma vez que se acredita que imagens retêm força, pelo fato de que “a vida se mostra como imagem antes mesmo de haver uma história de vida” (Hillman *apud* ANDRADE, 2002, p.17).

### **Renascença: descoberta e criação**

“Renascença: surpreendente versão da realidade” é um projeto que se propôs a dar visibilidade à comunidade do Bairro Renascença, por meio de um trabalho fotodocumental, o qual retrata as características já descritas e próprias do local. Além de discutir os problemas do lugar, de modo a mobilizar a comunidade na busca por soluções. Depoimentos dos moradores são inseridos e possuem o papel de contextualizar as imagens no universo fora do Bairro, porque como demonstra Palácios (1991, p.19) “não se pode perder de vista o fato de que a comunidade, seja ela qual for, está inserida numa sociedade mais ampla”. Após a seleção e edição do material produzido e coletado, exposições fotodocumentais foram os mecanismos utilizados para alcançar o objetivo principal.

A importância do trabalho realizado é comprovada pela necessidade do intercâmbio do local com a cidade. É a revolução dentro do indivíduo, como coloca

---

<sup>8</sup> Projeto desenvolvido nas disciplinas de Comunicação Comunitária I e II, do 4º e 5º semestres de Comunicação Social – Jornalismo, do Centro Universitário Franciscano, sob orientação das professoras Rosana Zucolo, Viviane Borelli e Laura Fabrício.



Manzine-Covre, “àquele traço espiritual que permite ao homem perceber-se e perceber seu espaço no Universo, e que promove forças para ajudar a mudar o mundo” (1991, p.64). Propomos despertar uma inquietação nos indivíduos, para que tornem-se protagonistas da mudança. Essa atitude a qual nos referimos está, de acordo com nossa proposta, baseada na documentalidade da fotografia. As imagens fotográficas marcam pela sua representação subjetiva do real. Kubrusly (2003, p.69) acrescenta que “o simples fato de olharmos a realidade já a transforma”.

Desta forma procuramos provocar a identificação dos sujeitos com o local de pertença, para que sintam o sentimento de responsabilidade. Os membros da comunidade precisam exteriorizar a capacidade individual que possuem quando trabalham pelo bem-estar do coletivo. Neste sentido Manzine-Covre afirma que “é a identidade do indivíduo que vem à tona e, ao mesmo tempo, é pensamento e ação para lidar com o mundo, para organizá-lo na melhor direção” (1991, p.65).

A idéia de comunidade está relacionada a espaço físico, mas também com o sentimento de coletividade, com o “eu” existo com o outro. A preocupação em construir mecanismos para viabilizar a mudança só é possível quando os indivíduos, que fazem parte da comunidade, têm a sensação de ser-em-comum<sup>1</sup>. A identificação com um grupo social pode ou não acontecer, “chega-se ao sentimento de pertencimento do indivíduo ao grupo, bem como a seu não-pertencimento” (PAIVA, 1998, p.98). Essa compreensão é determinante na força que a comunidade pode exercer no global.

Na execução do projeto, foram usadas as máquinas Nikon MZ 50, com filmes P&B, iso 100 e *Color*, iso 400. Optamos por também usar filme em P&B em referência a obra de Sebastião Salgado, que nos demonstra a impressão fotodocumental atribuída a imagens “sem cor”.

As captações fotográficas e a coleta de depoimentos foram realizadas dentro de temáticas pré-definidas conforme a percepção dos obstáculos dos moradores e da superação que se evidencia em determinadas situações. Os depoimentos foram coletados na medida em que as captações eram feitas. O material colhido foi transcrito, editado e usado em consonância com as fotografias. Os grupos de imagens foram organizados nos seguintes eixos temáticos: cotidiano, crianças, esgoto, sujeira, moradia e indivíduo. A respeito da escolha dos temas, Palácios (1991, p.21) afirma que “a Comunicação Comunitária deve se estruturar a partir dos problemas vivenciados e identificados pela própria comunidade e não a partir de problemáticas trazidas ‘de fora’ por elementos ‘externos’ à comunidade”. Ainda é importante ressaltar que a

fotodocumentalidade que propomos, quer, “com auxílio de olhos de estrangeiro, ver o diferente e, no diferente, a emoção de ser diferente, viajar pela própria cultura e conhecer um pouco de nós mesmos” (ANDRADE, 2002, p. 19). No recorte espacial da realidade, a fotografia “se mistura a outras realidades que condicionam, sublimam e transformam a realidade *clausura* da luz” (KUBRUSLY, 2003, p. 69).

As captações, feitas em duplas de trabalho, geraram aceitação satisfatória. Em maioria, os moradores deixaram-se ser fotografados, mostrando uma inusitada alegria ao serem escolhidos como “modelos”, e percebidos como seres interessantes captados pelas objetivas. Houve apenas uma exceção, onde um morador mostrou-se desconfortável em ter seu cavalo retratado. O mesmo dirigiu agressões verbais e não oportunizou espaço para uma conversa explicativa. No caso desta fotografia, não houve um pedido de autorização prévio, justificado pelo fato de que não havia a possibilidade de parar o tempo e conseguir reter para sempre uma imagem que jamais se repetirá, como explicita Kubrusly (2003 p.8).

Em contrapartida ao equívoco do proprietário do cavalo, a maior receptividade se deu no relacionamento com as crianças, pois elas estão mais abertas ao contato com pessoas de fora. A curiosidade infantil colaborou para o bom desempenho do trabalho e para a naturalidade das imagens. O trabalho desenvolvido, através de características pontuais da comunidade cria uma significação fiel à realidade e clara em seus aspectos simbólicos. Para este efeito, a participação das pessoas foi essencial, Marcondes citado por Paiva (s.d., p.154) fala que:

O jornalismo comunitário é o meio de comunicação que integra, atualiza e organiza a comunidade, e realiza os fins a que ela se propõe. (...) Um jornal comunitário (...) é elaborado por membros de uma comunidade que procuram através dele obter mais força política, melhor poder de barganha, mais impacto social, não para alguns interesses particularizados (anunciantes, figuras proeminentes), mas toda comunidade que esteja operando o veículo.

As exposições fotográficas buscam a realização da tarefa proposta através deste projeto, à medida que for possível compreender a importância em perceber o outro, as suas diferenças, e registrá-las. As imagens frente aos olhos dos espectadores transformam-se em paisagens vistas através dos olhos do “outro” e que pode provocar uma percepção diferente da imaginação construída sobre o que se sabe daquela realidade. “Os resultados chegaram cheios de surpresas: a beleza também podia emergir da feiúra” (KUBRUSLY, 2003, p.69). Colocar o indivíduo para o todo é uma forma de aproximar os membros de uma mesma sociedade.



## **Renascença: a comunidade de estrada de chão**

A busca de uma comunidade a ser retratada foi submetida a critérios de relevância política e necessidade. Foi com base nesses requisitos, que se chegou até a Vila Renascença, em setembro de 2006. A importância política de uma zona de risco e a eminência de problemas de saneamento básico, saúde e educação infantil garantiram à comunidade o foco do projeto.

A Vila Renascença, como continua sendo chamada, existe há aproximadamente 20 anos. Ela partiu de um loteamento proposto pelo então Prefeito Oswaldo Nascimento, que retirou as pessoas que moravam às margens da BR- 287. Ainda é possível encontrar na Renascença, os antigos moradores da beira da estrada, um número que varia entre 750 e 800 pessoas. A rua Felicidade foi a primeira a receber moradores.

Desde fevereiro do corrente ano, a Vila Renascença se tornou Bairro Renascença através de um projeto municipal de redivisão territorial urbana<sup>9</sup>. O projeto encaminhado pela Prefeitura foi aprovado na última sessão de 2006 da Câmara de Vereadores de Santa Maria.

A Renascença se localiza na região oeste de Santa Maria, ao lado do Arroio Cadena<sup>10</sup>, um de seus principais problemas. Para chegar ao local, distante 3,5 Km do centro é preciso cruzar a BR-287 e atravessar uma ponte sobre o Arroio. Ao chegar no Bairro, o primeiro encontro é com a Escola Municipal de Ensino Fundamental Sérgio Lopes. A Escola, que antes pertencia aos Irmãos Maristas, foi assumida pela Prefeitura e integrada à rede municipal de ensino. Ela atende a demanda estudantil do local. Alguns projetos são desenvolvidos ocupando o espaço escolar, a exemplo uma Escolinha de Futebol, com duas turmas de meninos e uma turma de meninas. As aulas da Escolinha são ministradas por um professor voluntário, todos os sábados. O Bairro permanece carente de uma creche, que acolha as crianças menores e esteja apta a oferecer educação infantil, possibilitando às várias mães o horário de trabalho vago.

---

<sup>9</sup> A redivisão territorial de Santa Maria foi discutida junto à comunidade em várias sessões plenárias. O resultado das discussões configurou um novo mapa urbano, que classifica as antigas vilas, como Bairros, e havendo mais nenhuma localidade oficialmente chamada de Vila. O novo mapa pode ser acessado pelo site [www.santamaria.rs.gov.br](http://www.santamaria.rs.gov.br), no link Serviços – Downloads.

<sup>10</sup> O Arroio Cadena é um afluente do Rio Vacacaí, componente de uma sub-bacia. O arroio se estende por várias áreas da cidade, circundando quase toda sua extensão. Não tem fim de reservatório, nem utilização econômica. Sua importância está na conservação do meio ambiente. As construções só podem existir legalmente, distantes 30 metros de ambas as margens do rio, para que não haja dano a mata ciliar, que mantém a fluência e impede danos ambientais.



A dimensão total do Bairro é pequena, 1,3883 Km<sup>2</sup> em área. Não existe calçamento, a iluminação pública é deficiente, a chuva causa graves problemas na rede de esgoto e, muitas vezes, invade as casas, situadas em zonas de risco. Há poucos meses, várias casas foram retiradas de um barranco à beira do Arroio Cadena, prestes a desmoronar. Os moradores, mesmo com a iminência do perigo, insistem em arriscar e continuam se colocando à mercê da sorte próximos do Arroio. Toda chuva representa uma ameaça à saúde e à segurança da população.

A Prefeitura possui um projeto em torno de toda a extensão do Arroio Cadena. A proposta é de reflorestamento das margens, devastadas pela ocupação urbana. O reflorestamento impediria novos desmoronamentos. Também deve ser construída uma estrutura de concreto, impedindo que nas cheias as casas desçam o rio, como já aconteceu. Na renascença já foram feitas marcações em determinados pontos às margens do Arroio.

Não há um Posto de Saúde no Bairro, fazendo com que os moradores precisem recorrer ao Posto do bairro vizinho Boi Morto, e em casos de urgência ao Pronto Atendimento Municipal, no Bairro Patronato. As linhas de ônibus foram uma conquista da Associação Comunitária, antes era preciso atravessar a rodovia. Hoje, mesmo que em horários esporádicos, existe uma linha de ônibus que entra e percorre as principais ruas da Renascença.

O Bairro Renascença conta com uma Associação Comunitária desde 1985. O objetivo é a integração dos moradores na busca pelas melhorias para a comunidade. A presidente é Carmen Regina Brum de Souza, de 48 anos, educadora social. Carmem, que morou por um período em outro local da cidade, retornou ao Bairro e assumiu a gestão da Associação. Com isto visa buscar soluções para os diversos problemas e transformar a realidade de sua comunidade, através da integração dos vizinhos, que precisam se sentir mais responsáveis pela própria mudança. Um exemplo da carência de co-ação social é a Cozinha Comunitária, conquistada pela comunidade e atualmente desativada por falta de disposição e recursos humanos.

## **O produto do olhar**

A combinação de técnicas de pesquisa, principalmente a observação participante e a entrevista em profundidade, como são entendidas por Neto (1994), além de técnicas de fotojornalismo documental, resultaram em uma exposição fotográfica.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Sérgio Lopes foi o local escolhido para inaugurar a mostra. A escolha por abrir a exposição na própria comunidade exposta teve base, sobretudo, na tentativa de garantir que se percebesse a importância da mobilização social para efetivação da cidadania. Segundo Henriques (2002, p.31):

Mobilizar é convocar estas vontades de pessoas que vivem no meio social (e optam por um sistema político democrático) para que as coisas funcionem bem e para todos; é mostrar o problema, compartilhá-lo, distribuí-lo, para que assim as pessoas se sintam co-responsáveis por ele e passem a agir na tentativa de solucioná-lo.

Foram expostas 30 fotografias, escolhidas de um total de 110. A exposição mesclou imagens coloridas e P&B, com a finalidade de destacar em cada tipo de filme as características observadas na comunidade. Junto de cada imagem foram somados depoimentos dos moradores fotografados na Renascença.

A documentação escrita acrescenta à documentação fotográfica a narração do que é captado pela câmera. Tornou-se possível lançar, além das possíveis leituras das imagens, a representação pela palavra. Essa idéia se sustenta no fato de que “a palavra é racional, dissertativa, prolixa. A imagem, emocional, sintética, direta” (KUBRUSLY, 2003, p.77).

Para as exposições foram chamados, além dos membros do Bairro Renascença, através da Associação Comunitária, autoridades dos meios político, educacional e empresarial. Essa mescla de público alvo veio reforçar a iniciativa de promover o debate e galgar possibilidades de melhorias para a comunidade.

A exposição fotográfica permaneceu no Bairro, nas dependências da Escola, por uma semana. Após, seguiu para outros pontos, como a Casa de Cultura, espaço público localizado na Praça Saldanha Marinho, centro da cidade. Na sequência, Câmara de Vereadores e Campus II da UNIFRA. As fotografias permaneceram expostas por uma semana, em cada um dos locais. O Livro ata foi assinado por 662 pessoas, dos mais diferentes segmentos sociais.

A importância das exposições se justifica pela necessidade que os grupos sociais têm de criar e comprovar sua identidade perante o todo, para assegurar reconhecimento e garantir direitos. Uma identidade forte e bem marcada favorece as articulações que podem acrescentar à qualidade de vida.

## **Considerações finais**



A primeira reflexão a ser feita a partir dos resultados obtidos confere à comprovação do poder instigador da imagem.

A partir do projeto e de seu produto foi possível observar que o fotojornalismo, que tem como objetivo documentar uma realidade, acaba por atribuir a essa realidade sentidos que ela própria desconhecia anteriormente.

Os objetivos pretendidos foram integralmente alcançados, tanto no que diz respeito ao fortalecimento da identidade, quanto na intenção de gerar mobilização social.

Verificamos que as exposições se transformam em uma “janela” que possibilita a visualização através da fotografia, por onde se pode enxergar os fatos da comunidade, sempre em conformidade com a realidade, necessidades, expectativas, gostos e culturas locais, fortalecendo seus vínculos sociais.

A fotografia desempenha com eficácia a tarefa de promover a representação de características. Fornecendo elementos significativos para a construção de uma consciência que gere pressão frente à própria sociedade da qual faz parte, mas que em muitos casos anula-se.

Trabalhar o fotodocumentarismo como forma de inserir o jornalismo dentro de uma comunidade é de certa maneira, chegar ao belo partindo do banal.

### **Referências Bibliográficas**

ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro**. São Paulo: Estação Liberdade; EDUC, 2002

BRUNET, Karla Schuch. **Foto Jornalística: Um instrumento ideológico**. Santa Maria: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Imaculada Conceição”, 1994.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

COVRE, M. L. M. e MANZINI-COVRE, M.L. . **O Que é Cidadania?**. 1ª. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

GOHN, Maria da Glória. Cidadania, meios de comunicação de massas, associativismo e movimentos sociais. In: PERUZZO, Cecília Maria Krohling; ALMEIDA, Fernando Ferreira (orgs.). **Comunicação para a cidadania**. São Paulo: Intercom; Salvador: Uneb, 2003.

KUBRUSLY, Cláudio Araújo. **O que é Fotografia**. São Paulo: Brasiliense, 2003.



MINAYO, MCS (org.): DESLANCHES, S.F.; CRUZ NETO, O.; GOMES, R. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

PAIVA, Raquel. **O Espírito Comum: Comunidade, Mídia e Globalismo**. Petrópolis: Vozes, 1998.

PALÁCIOS, Marcos. Sete Teses Equivocadas Sobre Comunidade e Comunicação Comunitária in: **Textos de Cultura e Comunicação**, V.II, nº26. Salvador: Facom / UFBA, 1991, pg 15 – 23.

PERUZZO, Cíclia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

SALGADO, Sebastião. Entrevista concedida à Televisão Manchete, no programa “Gente de Expressão”, 1992.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

SOUZA, Herbet. **Ética e cidadania**. São Paulo: Moderna, 1994

[www.sebastiaosalgado.com.br](http://www.sebastiaosalgado.com.br) acessado em 14.06.2007 às 21h18min.